

Caderno Literário



Abilio Pacheco
Achel Tinoco
Ana Claudia de Farias
Ada Lima
Adauto Neves
Adriana Pavani
Alessandra Cezarini Araujo
Ana Maria Costa
Antenor Rosalino
Anderson Pereira Silva
Arnaldo Massari
Elessandro Reiffer
Angelita Marchi
Andrea Muroni
Antonio Canuto
Artur Pereira dos Santos
Bibiana Lubian
Bernardo Almeida
Bruno Vargas
Caren Richter
Carlos de Hollanda
Celso Oliveira
Carla Ribeiro
Cherry Blossom
Cislaine Bier
Carmem Marinho dos Santos
Carlos Eduardo Bonfá
Carlos Fernando Leser
Conceição Pazzola
Claudio Carlos
Carlos Savasini
Claudia Benegas
Claudette Grazziotim
Coelho de Moraes

David Fordiani Nobrega
Daniel Muñoz
Deo Sant'Anna
Débora Villela Petrin
Danilo Diógenes
Dimythryus
Douglas Tedesco
Daniel Muñoz
Dunia El Hayed
Erode Lino Leite
Eneas Andrade
Edson Bueno de Carvalho
Elisabete Antunes
Edson Soares
Eduardo Amaro
Eliane Alves de Souza
Elisandro Roath do Canto
Eustáquio Braga
Evanise Bossle
Fabiana Fraga da Rosa
Fabio Saitta
Flavio Jeronymo
Fernanda Pietra
Felipe Silva da Silva
Gabriella Slovic
Gilberto Assumpção
Graça Brito
Gerci de Oliveira Godoi
Geslaney Brito
Geremias Muller
Jose Nedel
Jeisson Teixeira
José Carlos Carvalho
Jorge Hallal

Josnei Weber
José Magalhães
Ju Armos
Karenina Marzulo
Lari Franceschetto
Ligia Lacerda
Mara Luz dos Santos
Mario Feijo
Marcos Paulo Passeto
Marivane Klippel
Márnei Consul
Moises Silveira
Maria da Gloria Gomes
Maria Cardoso Faistauer
Micheli Zamarchi
Neuza Pinto Nissen
Neuquen Vanderlan
Paula Camara Ferreira
Pollyana Gracy Wronski
Paulo Leandro Valoto
Regis Jr
Rivail Teixeira
Rodrigo Correa da Silva
Rodrigo Cancelli
Saul Almeida
Sandra Tavares
Sandra Veroneze
Solange Rodriguez
Swani Cristini Castilho
Suzana Bolina de Abreu
Thiago Lorencini do Nascimento
Titi Martins
Tita Coelho

Editorial

É possível conduzir a vida como se fosse uma obra de arte? Ou, melhor perguntando: é possível fazer da vida uma arte?

A palavra “arte” é como todo trabalho de um artista vivo: não é definitiva. Permite inúmeras análises, facetas de observação, das mais informais às acadêmicas. Particularmente, gosto muito de uma frase em que ela é inserida, conhecida de todas as mães e dindas do mundo e divertidíssima: “Criança, quando quieta, ou está dormindo ou está fazendo arte”.

Até existe um livro, que eu gosto muito, chamado “A arte de viver”, do filósofo Epicteto. Para o grego, viver com arte pressupunha seguir uma espécie de código moral, que ficou conhecido como estoicismo, que previa uma vida regida pela razão e virtude, procurando sempre a verticalização de intenções, a lapidação da personalidade, e uma íntima convivência com os ensinamentos dos deuses.

Erich Fromm, em seu livro “A Arte de Amar”, nos diz que toda arte pressupõe técnica e treino. Sendo a vida também uma arte, aplica-se igualmente a teoria? Treinar a vida é algo fácil de compreender. Faz-se um dia após o outro, sempre na perspectiva de melhorias. Mas e técnica? Seria algo como escolher em fazer da vida um drama, um suspense, um conto de fada, ou um documentário? E que tal um dramalhão mexicano?

A palavra arte sempre traz consigo a idéia de belo, de harmonioso, de transcendente. Algo que expande os limites da existência e/ou a tornam mais aprazível. Um conceito muito difundido nos meios da filosofia à maneira clássica diz que arte é tudo que fala à alma, que eleva o ser humano. Por esta perspectiva, muito do que se vê em museus, bienais e outros espaços culturais poderiam ser questionados em seu conceito de arte, por chocarem, muito embora a arte também possa constituir um veículo de contestação, não?

Independente do conceito que se tenha de arte, a verdade é que, para fazer arte, é preciso ser um artista, ou um aspirante. Em outras palavras: alguém disposto a tocar o transcendente com muito suor e dedicação. Para quem se dispõe, e com certeza todas as pessoas guardam dentro de si a semente de um artista mais ou menos pronto, uma boa notícia: ouvi falar outro dia que os artistas podem viver mais, pelo processo de catarse: aquilo de ficar horas fazendo algo sem perceber o tempo passar, que resultaria em um caminho de purificação, evacuação e purgação, que por sua vez conduziria a uma maior longevidade.

Ser artista também é um ato de responsabilidade. O que eu quero dizer? Pra quem? De que forma? Qual o legado que deixarei? Que eco fará minha mensagem? Questões como essas passam sim pela cabeça de um artista, mas quase sempre de maneira desplugada, sem culpa ou peso, porque, em verdade, em verdade, pra desespero das mães, das dindas, dos governos, dos retrógrados, etc, etc, etc, etc, todo artista adora fazer arte!

Sandra Veroneze
Editora



Índice

- 04 / Luzes da cidade
05 / O amor e o diabo
06 / Girassol
07 / Violino
08 / Hoje eu queria
098 / Saudade
10 / Meninos do Brasil
11 / Amor verdadeiro
12 / Palavras
13 / A noite do Sertão
14 / Sobre poesia e poetas
15 / Cristo Redentor
16 / Sombras
17 / Motivação
18 / Amor e noite
19 / O tesão
20 / Sarah
21 / Últimas reviravoltas
22 / Tempo
23 / Impossível nome
24 / Suave mistério
25 / Vazio
26 / O marco das águas
27 / Lágrimas de um poeta
28 / Sem amor
29 / Beleza intrusa
30 / Tormentas
31 / Vivendo
26 / A luz de meu sol
32 / O lampião e a centelha
33 / Sobre a arca e o arco-íris
34 / Carícias de primavera
35 / Mulher borboleta
36 / A comedora de histórias
37 / A mão
38 / Toques
39 / Mel
40 / Portal
41 / O limiar da fé
42 / Minha praça
43 / Homicídio metafísico
44 / Asas da alma
45 / Sinais de bala
46 / Suficiente
47 / Outono
48 / Poema da amizade
49 / Registro de dados
50 / Sei
51 / Oralidade
52 / Antítese
53 / Neste exato momento
54 / Memória banida e rasurada
55 / Lucidez
56 / Mundo colorido
57 / Ode enferrujada
58 / Viagem
59 / Os pássaros voam além do arco-íris
60 / Lembrança das carreteadas
61 / Vastidão
62 / Hino dolorido
63 / Dança da terra
64 / Populus Vult Decipi
65 / Chaleira preta
66 / Olha
67 / Um só universo
68 / Perda
69 / Não importa
70 / Necessidade
71 / Anule seus contratos
72 / Bom dia
73 / Libélula
74 / Miragem
75 / O berço do marechal
76 / Amor sem limites
77 / Herança
78 / Saudade da nossa salina
79 / Recorrida
80 / Escuro e claridade
81 / O guri
82 / Anel
83 / Setembro
84 / Sonho
85 / Deusas
86 / Até o fim
87 / Eu sinto falta do seu amor
88 / Eu amo você
89 / Porta-retrato
90 / As praias do meu litoral norte
91 / Olhos abertos
92 / O poetairo
93 / Gaivotas, não saiam daqui
94 / Fé, ainda que tardia
95 / Ventos do litoral
96 / Espinhos
97 / Concomitantemente
98 / Quando a dor é demais
99 - Meu Estado Grande do Sul
100 / Eu posso
101 / Tinha um coração
102 / O que temos no coração
103 / Rosa, podre e prosa



Luzes da Cidade

Abílio Pacheco

Deambulo em trapos pelas ruas...
E vejo você, serena e cega, alva e bela,
com uma cesta plena de flores claras.

Súbito amo-te! como uma criança a outra.
Simples como a rosa branca
que recebo e ponho na lapela.

Faço de tudo para que
- mesmo vendo-me trapalhão -
você contemple as luzes da cidade.



O amor e o diabo

Achel Tinoco

Sabe quando, às vezes,
Teu sorriso é um lago
E o coração se afunda
Num olhar descarado?

Tudo se transforma:
Uma topada é afago,
O carinho é de vento
E o beijo é estralado.

Desse jeito eu te vejo
Noutro verso divago
Pois tudo faz sentido:
Até o amor e o diabo!



Girassol

Ana Claudia Siqueira de Farias

Eu vi um homem no lixo
— Que lhe amenizasse a fome!
Será, Deus, que era um homem
Ou me enganei e era um bicho?

Tinha um olhar semelhante
E não lhe importava a loucura:
Homem, bicho, criatura;
Imundo, subversivo, ignorante.

Ser inanimado, frio, inexistente.
Retrato dessa sociedade calada,
A cada esquina por capricho.

Doe-me o coração – a dor da gente.
A criatura, o bicho, o homem é nada,
Mas um amontoado de lixo.



Violino

Ada Lima

Daquela janela
voam acordes
em mi bemol.

Não acreditam
mas vi um anjo
invadir a casa:

é ele
que fende as cordas
do instrumento.



Hoje eu queria...

Adauto Neves

saudade...; de tudo aquilo que não foi...
alegrias...; por estar vivo e com saúde...
sonhos...; que ainda ousou sonhar ...
tristezas...; dos momentos de desencontros ...
expectativas...; daquilo que ainda está por acontecer ...
conquistas...; de tudo que almejo e hei de conquistar ainda...
ganhos...; os frutos que tenho por colher
perdas...; consequência de nossos erros ... ou mero destino (?) ...
revolta...; das injustiças sociais, ao nosso redor, no Planeta...
resignação...; pelas coisas que não podem ser mudadas ...
decepções...; dos desafetos, dos desamores, dos desmandos políticos...
esperança...; de um amanhã melhor que hoje ...
"Tomorrow will be wonderfull"



Saudade

Adriana Pavani

Saudade é um quarto escuro, no fundo da casa:
De vez em quando você vai até lá,
Acende a luz, olha ao redor,
Revive.
E, ao final, apaga a luz de novo.
O que fica, apenas, é a saudade.



Meninos do Brasil

Alessandra Cezarini Araújo

Inferno celestial
Da lama ao caos
Encarno fantasmas
De carne e osso.
Anjos sem asas
Meninos e Meninas
Rostos apagados
Vidas sem vidas.
Profetizam apenas
Sonhos...
Alimento para alma.
Juventude apagada
Jaz a morte!



Amor verdadeiro

Angelita Marchi

tantos te quiseram
tantos te tiveram
eu que nunca te tive
ainda te quero



Palavras

Ana Maria Costa

I

Sei-vos distantes e não é dos metros que o mar tem
É da medida da memória que tão curta é, que pequena se torna para algumas
lembranças.
Memória que nos atraiçoa, que nos cega com letras em brasa , em vez de flores.
As caminhadas são iguais às estações do ano!
Princípio, meio e fim e, outra vez e, sempre!
É a distância que o meio tem do princípio ao fim que não encontro nestas
memórias.

II

Sinto a garganta que me arde e não é de suplica de paixão ou de fado.
É o abismo de ecos que se esmurram nas paredes do gargalo do esófago .
Todas querem sair ao mesmo tempo evitando o filtro e a língua.
Desencadeando faíscas. Ardem!
Tenho o corpo fraco de tanto vos carregar de vos ir buscar nessa distância.
Distância.
Que me leva às palavras e as palavras à leitura e a leitura à combustão na
garganta.

III

Talvez deva adormecer os dedos, ou come-los, mas assim eles passariam nas
cordas vocais,
tocando-as e nova combustão acontecia....
Nada mais resta que fogo na garganta e o meio na distância.



A noite no sertão

Antenor Rosalino

A noite vem com seu encanto,
Desfilando céus de formosura.
O prado veste o seu manto
Tecido com a luz da lua!
A brisa brinca e orvalha
E os ramos em pêndulos bailam,
Nos verdes campos e valas
Onde os aromas exalam.
Volvendo o olhar aos céus lunares,
Não vejo apenas estrelas,
Vejo os astros aspergirem
Pétalas de flores fagueiras!
Meus olhos se embriagam
Neste leito de verdes relvas,
Onde os pirilampos reluzem
Entre as folhagens silvestres.
A efigie da lua cheia
Resplandece nas lagoas,
E meu coração se enleia
Em ternura e modorra.
As fontes brotam da terra
Entoando cantos de paz,
Enquanto em meu peito afluam-se
Lembranças que a vida apraz.



Sobre poesia e poetas

Antonio Canuto

poesia não enche barriga
e muito menos dá camisa
pois que poesia não é casa
é utopia
poesia não é a mentira
nem a verdade
não é filosofia nem teoria
poesia não está na rima perfeita
mas nada escapa à sua exata mira
e o poeta?
ah! o poeta vive solto no mundo
suando a camisa para ganhar o pão de cada dia
e no final come do pão que o diabo amassou
poeta escreve o que só por linhas tortas
se pode entender
enxerga o que não se pode ver
e exagera o quanto pode
poeta não é santo e não perde tempo
pois sabe que poesia é apenas a vida
ávida instável imprecisa
do jeito que os poetas gostam de viver



Cristo Redentor

Anderson Pereira da Silva

teus
braços
abertos
me
Mostram
que
não
devo
ficar
de
braços
Cruzados



Sombras

Artur Pereira dos Santos

Loucos, Loucos papéis rasgados
Transportando loucos pensamentos.
Soltos na areia do mar bem perto
Folhas secas levadas pelo vento.
Sombras disformes que transpôs as ruas
Antes de caírem sobre a onda incerta
Antes de atingirem seu real intento
De como algas ao sabor das ondas
Cobrirem de carícias tua pele nua.



Motivação

Arnaldo Massari

Quero ser poeta! A minha palavra não completa o que está no sentimento...
Aconselho-me com a felicidade dos pássaros, nada buscando,
Em outro de lugar qualquer!
Mesmo em disposto, por eu estar em rosto errado, ao achado, o poético não vem.
Não se apresenta e tampouco me assenta na sensibilidade.
Busco abrigo. Na chuva, não consigo sequer um telhado.
Vento, frio, arrepio. Vagas efigies.

Mesmo assim, a inspiração com portas e janelas abertas,
Debaixo de nuvens incertas que impedem a luz.
Nada me conduz ao sentir de um grande esperançoso!
Quando, o sol em cioso, esquentará o meu corpo em alguém?
Para que eu não me preocupe em procuras e buscas ao longe,
O que mais me falta neste grande vazio do agora.
Como compor em verso, no anverso de um tão procurado carinho...?



Amor e noite

Alessandro Reiffer

tua
flauta canta
nua
minha fada
branca
de lua
tua flauta dança
louca
flutua
pela noite longa
lança em valsa
a tua flauta aflora
flores
pela noite leve
leva
pra bem longe a alma
celestial em treva
a minha alma lava
em lavas
da tua lua nua
nova
pela sala em gala
baila
à rosa
pela noite em claro
onde me lanço em canto
e onde tu me danças
como um alvo anjo
pelas tuas tranças
eu me levo oculto
pelo sonho escuro
e a tua flauta fala
e a tua flauta vela
quando acendo velas
a tua flauta lança
tua língua líquida
linda
que meu olho alcança
cansa
a tua flauta cala
só teu beijo em lago
ao largo
solto beijo trago
cala
e a minha língua alaga...



O Tesão

Bibiana Lubian

Persistente e atento,
Sobe pela serra da espinha.
Na direção, ansioso concentrado, obcecado.

Não é uma luta em vão.
Passa qualquer coisa que tudo modifica.
Talvez em mim...

Quando cheguei perto da casa desejada,
Prestes a bater na porta:
Parecia que o corpo me transmitia um excessivo bem-estar.

Era o “Tesão” ,
Me enchia o peito,
Subia pelas pernas.

Num esvair em fúria de esvair-se.
Viu chegar,
Encontrou uma força numa fraqueza.

Aquela de se estar certo de tudo. E contra todos.

E depois de uma vitória,
A pressa de se gritar que está vivo!
Somos livres, inteiros...

Que nunca queremos deixar a casa-cama,
Essa habitação convexa.
Lar como cheio de lama, de ventre que é mãe e ama.



Sarah

Bernardo Almeida

Ímpeto fulminante de todas as horas
Lança que parte, sem cortar, do nada ao infinito
És Sarah, nome de alento – enquanto eu, atento ao afeto
Náufrago certo, ao mirar-te – arfar!
Sucumbe o peito que aceita o amor
Sem comportar o volume retumbante de uma paixão
Conflito intenso entre o fulgor do sentir
E o escapismo cauteloso da ponderação
Arder para existir, queimar para renovar
Corpos que antes eram meros desconhecidos
Agora, como parceiros de mil vidas, tendem a se completar



Últimas Reviravoltas

Bruno Vargas

Mais uma vez se podia ver através da janela
se via toda dor imaginária
toda a paz possível na hora
se imaginava o que podia ser
sentia-se sempre o mesmo

polido mas em frente
pouco sabido, pouco ciente

Não se pode esquecer uma coisa importante

Vivendo em cada palavra solta no ar

Não estava em jornais ou bacanais

Nunca esteve em lugar algum



Tempo

Caren Richter

Que o tempo passe e ultrapasse
As fronteiras de um Amor sem Fronteiras
Te encontrarei em multidões
Porque minha alma busca a tua
Amor... Amor... Amor...
Nasci pra te ser...



Impossível nome

Carlos de Hollanda

Quando eu sei que parte de mim me combate
e reparte intervalos
de uma vida projetada em tempestades do nada;
quando do rosto a estampa se dilui na paisagem
e a memória se cansa,
ameaçam-me os ventos
e os segredos perfuram impotentes paredes,
Amarro no amanhã a chave
e levo ao passado a porta.
Fechados,
o nome necessário e a lembrança
desferem ausência de chamado.



Suave Mistério

Carla Ribeiro

Se dormires por dentro das minhas cintilações
E te encontrares sob as cinzas do meu corpo,
Fita os olhos da esfinge que me chama enigma
E traça adivinhas sobre as sombras do meu sangue,
Como sussurros plantados ao vento do apocalipse.

Se te embalares na brisa da hecatombe
E nela descobrires o suave sussurro de nenhures,
Deixa o mistério brotar nos abismos do teu espírito
E abre-te ao labirinto que consome as minhas entranhas
Na explosão que incendeia o meu silêncio em combustão.

Se sentires os meus sentidos enterrados no teu coração,
Fecha os olhos e dorme na teia das tempestades
Porque morreu o espectro que te murmurava ao ouvido
As suaves maldições do meu fantasma.



Nazio

Cherry Blossom

O amor levou
Minhas palavras
Lavou-me
Como um rio
Passado e presente
Corridos
Em turvas águas
Leito tosco de lodo
De pedras e alma
Lavadas



O marco das águas

Celso A.M. de Oliveira

Peguei a estrada um dia
E me pus a imaginar
Como foi que há tempos idos
Se chegava a beira mar
Muitas lagoas reinavam
E não tinha como passar
Pois as águas dividiam
E só de barco para chegar.
Vejo à beira da estrada
Um velho marco atirado
Monumento que ainda impera
Da história do passado
Sei que um dia alguém dirá
Que este marco foi plantado
Prá mostrar sua importância
Ao povo do nosso estado.
Lendo um livro descobri
Que seu Arno e Seu Albino
Na Fazenda da Rondinha
Conheceram um Constantino
De sobrenome Balzac
Que nivelou permitindo
Que as águas da lagoa
Mudassem o seu destino.
Este Engenheiro da Marinha
Homem de conhecimento
Buscou pontos estratégicos
Traçando o nivelamento
Abrindo um caminho de terra
Que aumentou o movimento
Da ocupação da praia
Ajudando o povoamento.
E depois de tanto tempo
Hoje o vejo na espreita
Entre os juncos e gramados
Lá está a confirmar
Com as trilhas de areias, foi fácil ao mar chegar
Com pôse de um monarca,
Altaneiro, sem mágoas
O nosso Marco das Águas.



Lágrimas de um poeta

Cislaine Bier

Hoje ao acordar
Vi a chuva diferente
Pareciam lágrimas
Vindas da minh´alma
Que chorava copiosamente.

A tarde chegou
Fria e a chuva fina
Eu continuo em sintonia
Com a natureza.

O pintor invisível
Mudou o cenário
É noite.

A chuva continua
A descer do céu
Em pesadas lágrimas.
Lágrimas de um poeta.



Sem amor

Carmem Marinho dos Santos

Um coração que não ama
é como um dia sem sol
é como um mar sem peixe
solitário na praia deserta.

Livre-me do temporal
da neblina, dos ventos,
mas acabei aportando
no farol dos teus olhos.

Um dia sem sol
é praia deserta
esperando temporal.

Um coração que não ama
é solitário como o deserto
apenas o vento é seu amigo.



Beleza intrusa

Carlos Eduardo Marcos Bonfá

Azul êxul,
Húmil,
Noivado
No rincão
Do branco
Núbil.
Pincelada
De um céu
Por terminar.
Ou ainda,
Céu suave
Coberto de nuvens.
Esgar
De intrusa beleza
Que quer viver
Em excesso de luz.



Tormentas

Carlos Fernando Leser

Havemos de perder
Todos os dias
Um pedaço
de nós.
Pela ventania
Que se agiganta
e pelos nós
Em nossa garganta.



Vivendo

Conceição Pazzola

É escada girante, é esteira rolante
Vai, vem. Vem, vai
Na rotina maçante
Sobe, menos desce
Desce, menos sobe
É impulso, há pressa adiante
No deslize mecânico
Move-se num instante.
Todo mundo é capaz, lá vai
O controle há nenhum
Para frente, sem parar
Sempre rolando, rolamos
E a nossa vida girando...
E nossos anos passando
E nessa ânsia levando
Abaixo e acima
Acima e abaixo
Vamos rolando
Todos nós.
Um dia, subindo
Um dia, descendo
Passageiros comuns
Deslizando a coragem
Na infalível viagem.
Dos dias, dos anos
Amando, penando
Sofrendo os remendos
Surpresas, desenganos
Perdemos, ganhamos
Vivendo.



O lampião e a centelha

Cláudio B. Carlos

Ri-se
da centelha
ó nobre Lampião
Não vês
que tua luz
- que é tua alma -
é
presa?
E que a fagulha
ínfima que seja
sobe
e
livre
voa?



Sobre a arca e o arco-íris

Carlos Savasini

Se for para ser, que sê,
bebe na fonte e respira
almeja nada senão o cume nublado
o ápice audaz que roga destrezas.
Se for para ir, que vai,
rasga os percalços, sublima o desprezo,
busca o pote que esconde o segredo,
o longe que alcança quem faz por merecer.
Se for para ser, que vale,
merece os louros, as luzes, olhares,
sê antes de tudo o grão,
a borboleta que bate o furacão.
Se for para rir, que sê,
masca o pudor, morde o rancor,
sopra o correto e chuta a miragem,
todo presidente, embaixador e o raio que o parta.
Se for para ser, que sê
cisco na vista e colírio
tapa na cara e carinho,
essência, verdade, objeto e pão.



Carícias de primavera

Claudette Grazziotin

Deixa essa primavera tocar tua pele
com suas aragens de carícias plenas;
deixa-a mergulhar no teu olhar,
entranhar-se em teus cabelos,
tomar conta do teu corpo e da tua alma
e, perfumando os teus sentidos,
colorir teus sonhos e desejos
com os irisados tons
da sua paleta de arco-íris encantado.

Solta-te!

Deixa teu coração pulsar
no ritmo apaixonado da natureza
e saberás o que é Vida!



Mulher-Borboleta

Cláudia Banegas

O sol brilha no céu, esquenta meu corpo,
sopram os ventos, abro as asas.

Flutuo.

Levito.

Sou borboleta.

Alço alturas,

meu interior pulsa, feliz!

Sou translúcida; ao luar,
não me escondo, me deixo laçar.

Sou borboleta, especial,

uma mulher,

uma silhueta, marcante,

sensação, um marco.

Transcendental.



A comedora de histórias

Coelho de Moraes

Mulheres subsistem nas letras
Sofrem mesmo assim
um misto de ofuscamento e náusea
Tudo na história que vivem e comem
parece vento, tempestade e enciclopédias
As mulheres que devoram sessenta volumes
em mares de enxaqueca
vivem sobressalto constante
assaz chuva liberta
num incomensurável sopro de intrusa santa
que se alarma nas mudanças tantas
Mulheres domadoras de livros
acreditando sempre que morrem a sério
permanecem imersas em amor alarmante
amadalarmante
renascem deliciosas
após tépida noite de fragrâncias
afastando o longo suplício da velhice
começando uma terceira vida
mesclando sexo em vitalidade
a terra, a lama, as águas de minério e o sol
Mulheres arrebatadas
oferecem longos cabelos de doçura
Um corpo rompido - disponível -
aberto para a coação do trabalho
Fúria insensata do trabalho
uma funesta declaração de direitos por fato
Horários draconicos
Sono de Creonte
Pernas abertas de medusa inconclusa
Suave noite sob o veludo carmim dos ardores
e uma ingenuidade no gozo
Buscamos uma tensão de profetas
e não encontramos
No máximo ouvimos o canto vital
de uma tempestade na primavera
Tal é a singularidade das mulheres
vazios fecundados

existência superlativa
devoram o dia todo dia da sua história
O não comer de seus momentos
é morrer violácea e plúmbea
enquanto a noite as chama na esquina
Não se alimentar de seus dias e seus fazeres
é plantar o nada arquetípico
e esperar doações de garoas lentas
e superar a danosa facilidade das colméias
Mulheres que se habitam em história
perdem a fraqueza doentia
O corpo todo é o produto de sua criação
E assim
fica provável que o homem tenha vindo
de sua costela
pois a cintura mais estreita
sugere que perdeu-se ali
a última linha de cartilagens
Mulheres e simbiose
Moléstias e enxaquecas
Dores e fluidos sanguíneos
nada mais são do que
símbolos de uma sensibilidade excessiva
mas sensibilidade dirigida
como um veneno sagrado
como um objeto a ser doado ao museu
Sacerdotisas
Pitonisas enoveladas em gaze e sulfúrio
sedentas de ambrósia
morrem elas todas de história
mulheres sacramente ímpias
da mesma forma como não se morre de amor
São elas proprietárias grandiloquentes da
história
Elas bebem demais o sangue negro da vida
e se tornam loucas glorificadas
para um sempre eterno e abundante
É aí que Ahasverus, finalmente se encontra.



A mão

David Fordiani Nobrega

...e sendo como desde sempre a embalsamada mão
Morta em tempos de outros que não o presente
Vítima daqueles que a culpavam por querer ser a razão
Perdida por si sem a medíocre crença de um Ele ausente

Pois sentenciou à morte seres de esquálida carcaça
Famintos do saber fé e de comer
Presos entre seus dedos longos após cansativa caça
Insurgentes contra seu maldoso poder

Existiu porém a cruel reforma questionadora
Um Inquisição, dita santa a podre pecadora
Consumindo em fogueiras de ódio duro
Mãos como esta, de racionalismo puro

Noites de trevas em humanidades pérfidas
Bruxas vistas em cada pobre choupana fétida
E ali deu-se à mão forma eterna de uma garra endurecida
Preparada para a eterna vida. Solitária. Perdida.



Toques

Deo SantAnna

Nota após nota,
Ao toque, o piano obedece
A canção aparece!
E me toca!
Nossos olhares se trocam
Os sorrisos falam!
Teus olhos dizem
Que me entendes,
E negas,
Embora desejes,
realizar meus apelos:
Ter às carícias e os beijos
Dos lábios e mãos
Que tocam meu coração!

Teus olhos verdes mais se acendem!
Teus labios rosas, pálidos, tremem!
E me dizem: "Pede!"
Uma força aparece!
E nos põe frente-a-frente
E neste instante fremente,
Zimbórios de estrelas nos cobre!
Nossos braços, em abraço, nos envolve
E te vejo mais bela que nunca!
E quem toca agora à Rapsódia Hungara?
Pois a música, continua, solene.
....Anjos que tocam, certamente!



Mel

Débora Villela Petrin

Não se esforce tanto em atrair o mel para si...
As abelhas sempre aparecerão em busca de um bom néctar,
Elas podem sentir o verdadeiro sabor do amor à distância.



Portal

Douglas Tedesco

Há uma porta aberta...
Tem uma música de muito longe...
Atravessou uma ponte...
Cortou três cabeças como plumas,
Entregou-as ao destino como prêmios.
Há uma falsa calma...
Não é vantagem ter alguém que tema...
Daqui a pouco as paredes começam a movimentar-se...
Aparecem coisas com todos os rostos, apreciam casos sem corpos,
Os resolvem como um desequilibrado Deus.
Há um motivo para elas continuarem olhando.....
Nunca mais passe por aqui...
Nunca passaram por aqui antes...
Não foque o olhar em nada que obtenha sorrisos,
Dentes não são impostos, apertos de mãos são armadilhas.
Há uma relíquia esquecida...
Ela brilha como se fosse nova...
Nos chama triste como se fosse morta...
Ninguém pretende levar maldições em matéria,
O que todos procuram, descartam quando escutam o silêncio.
O gosto do fácil é coçar-lhe as idéias.
A ponte não foi atravessada, uma noite não existiu.
Onde todos vocês estavam?
Do que beberam? De qual mistério comeram?
Comum ilusão de períodos...
Mais uma sensação de torne, entorno dos pulsos...
Vai te acusar o asco de novo...
Antes que alguém passe: feche a porta!
Deixe a porta fechada!



O limiar da fé

Daniel Muñoz

O limite do saber é o início da antagonia contra o mesmo
O ponto onde as idéias se entrelaçam numa dança de conjecturas sem fim
formando a areia instável onde se firmam os pilares da crença
É onde se divide o mar morto às naus da razão que conduz o pensamento
lógico

A partir daí não há mais hipótese que encaixe perfeitamente em fatos
e sim fatos distorcidos para se enquadrarem em hipóteses ancestrais
A morte da realidade e o começo de sua pós vida passada em planos
etéreos
A estreita linha que divide a visão clara do caleidoscópio de incertezas
plauzíveis

O limiar da fé

Antes dele não é necessário crer para assegurar uma verdade
Esta se sustenta por si só

Cruzando-o há, sim, verdades
Irrefutáveis,
mas sómente para quem crê.

Começa, então, um novo ciclo na caminhada do imaginário de encontro ao
tactível

Que, inevitavelmente, a mente humana, sedenta por conhecimento
conduzirá ao novo ponto onde a crença traça suas fronteiras
Onde surge a tênue faísca da dúvida que incendeia a chave do progresso:
a pergunta

Eis novamente a linha cinza

O limiar da fé



Minha praça

Danilo Diógenes

Penso que há na minha praça
Um pouco de grama inda verde,
E há bancos onde me sento,
Tão calado. Todos os dias do ano,
Pensando que na minha praça
Sambam mulatas com rebolado.
Penso que, em cada um dos bancos,
Há música, e um feitiço lançado
Por uma fada condão.

Penso que há jardins, e flores
Com orvalho-cristal, e doces,
Doces de mamão e feijoada.
Penso que nessa praça estará
Meu amor, aquele que espero;
Esperando que as rosas me falem,
Esperando mais do que posso esperar.

E, penso que nela brincam crianças,
A toda hora, com sorrisos de criança,
Como devem ser, sorrisos de festa...
Penso que nunca mais encontrarei,
Pela grama amarelenta, um projétil.
Nem terei de abaixar-me, ou procurar abrigo.
Jamais ouvirei as engrenagens de fuzis
Comemorando gols no futebol.

Penso que nessa praça haverá um sonho,
Um sonho como o meu, tão delicado.
Um sonho de menino, ou, de idoso.
Espero que haja samba, santos e orixás.
E que tragam a minha guia, e meu maior
Complexo de valor severamente comparativo:
A felicidade.



Homicídio metafísico

Dimythryus

Parte deste poema é corpo
Que se refaz ao vento
E se perfaz entre palavras
É vulto, versos que me desvendam.

Outra parte são pontos
Parágrafos de uma mesma folha
Braços, mãos, dedos modeladores da alma
Palavras que a psique transmite ao coração.

Parte deste poema são enigmas
Que se dispersam entre o presente e passado
Versos que me invadem
E por não encontrar abrigo, deságuam.

Transbordados de uma branca e fina folha
Transformam-se em feitiços
Essências de sonhos
Que nem sequer ousaram revelar-se.

Outra parte deste corpo é inspiração
Transpiração, ebulição
Válvulas que se disparam uma a uma
Em busca do desconhecido.

Palavras que sufocam
E se encastelam
Tingidas de alma
Transformadas em corpo débil.



Asas da alma

Erode Lino Leite

Ao som do ar que se propaga sonolento
Deixo-me alçar vôo como doce alento
Para fugir das dores e de tormentos
Que fustigam na alma meus pensamentos.

Na alma, que inflama na ardência insana,
Oculto as asas cansadas que inertes pendem
Flácidas, fúteis fitam o calor que emana,
Sentindo inalcançável fonte de vertigem.

Transmuto dor em riso, alada alma santa
No martírio encanta conturbada vida,
Flutuando no etéreo caminho, acalanta.

Num hercúleo esforço, como derradeiro,
Ruflo as asas da alma dantes já ressentida
Alçando o planar ao eterno paradeiro.



Sinais de bala

Eneas Andrade

vários sinais de bala
espalhados pela alma
a bala vendida no sinal
a bala perdida na sala
entrou pela janela da tv
sem mesmo arranhar o vidro
atingiu um vaso de flores
e a cabeça
dos cinco membros da família
ocupantes do único cômodo
em que a casa era dividida
abalando a estrutura da casa de família
abalando o sono e a digestão
da bala vendida na sala
da bala perdida no sinal
que a gente engole
que nos faz maus.
vários sinais de bala
espalhados pelo corpo
tiros na boca
tiros na cara
tiros no peito
fome, descaso
preconceito
por acaso eu fui atingido.



Suficiente

Edson Bueno de Camargo

estou te reescrevendo esta noite
de novo
de novo ainda
e mais uma vez como tem acontecido

de tal modo
que tudo que já tenho escrito
não seja o suficiente

pois o que me afaga
em versos transcritos e invisíveis
tem teu cheiro e cor
tem teu jeito ancestral de mulheres feiticeiras
dançarinas da lua
em encruzilhadas em tê



Outono

Elisabete Antunes

Na flor do Outono
Vens de encontro à árvore alta
Que te abraça com os seus braços
Doces de resina
Seiva de vida



Poema da amizade

Edson Soares

Perguntei a um sábio,
a diferença que havia
entre amor e amizade,
ele me disse essa verdade...
O Amor é mais sensível,
a Amizade mais segura.
O Amor nos dá asas,
a Amizade o chão.
No Amor há mais carinho,
na Amizade compreensão.
O Amor é plantado
e com carinho cultivado,
a Amizade vem faceira,
e com troca de alegria e tristeza,
torna-se uma grande e querida
companheira.
Mas quando o Amor é sincero
ele vem com um grande amigo,
e quando a Amizade é concreta,
ela é cheia de amor e carinho.
Quando se tem um amigo
ou uma grande paixão,
ambos sentimentos coexistem
dentro do seu coração.



Registro de dados

Eduardo Amaro

Meus dados estou copiando
de HKEY_USERS para HKEY_CURRENT_USER.
Neste breve lampejar, vou me recordando
das antigas informações que tive.
Aqui tudo é falso. Aqui tudo é fluidoico.
É o inverso, tudo aqui, da re@lidade em si.
Re@lidade que não existe em
carne, mas em potência e também
em luz, em laser, em experiência.
Crer na vida lá fora,
ver o que há por trás da porta?
Assistir
aos incontáveis e fatídicos
acontecimentos jornalísticos
do país em que vivo?
Mergulhar
no mundo cheio de cubos,
monstros mesquinhos, armas e pontos,
do jogo em que me insiro?
Tudo isto não é re@l, é fictício.
Como este amontoado de semas perdidos
que busca significar algo,
mas não significa sem o outro
que lhe dá motivo para ser lido.
Re@lidade não é significado, esta serpente,
é uma mera mentira, uma ilusão,
pois sempre depende da maneira
de se ver como as coisas são.
Nesta re@alidade estou a perder
minha própria identidade!
Liquefazendo meus neurônios
em chips, bits, silicone, eletricidade e dados.
Quem eu sou? O que sou eu?
Não sou eu mesmo por muito tempo e
por muito pouco tempo hei de ser um outro.
Mutante como os hiperlinks,
na velocidade ADSL em que
meu sangue e corrente
estão...
Liquefazendo-me em dados
jogados e perdidos pela Rede,
digitados e gravados em meu hard disk.
Não sou eu mesmo,
nem sou o outro,
sou apenas uma extensão de mim.
O produto desta divisão, continuo a escrever, enquanto
permanecer vivo em meu dúbio eu.
Meus dados, de volta, estou copiando
de HKEY_CURRENT_USER para HKEY_USERS.
Neste breve lampejar, vou registrando
as novas informações que tive.



Sei

Eliane Alves de Souza

Sei teu nome
Sei onde moras
Conheço tua fama
Sei onde trabalhas e
Onde sonhas
Sei o que te prende
E o que te liberta
Sei, sei, sei
Nada do que sei me interessa
Queria mesmo é saber o caminho para o teu coração
Queria saber o que te atrai
Queria saber o que te manteria assim
Então, por mim,
Já poderia ser fim.



Oralidade

Elisandro Roath do Canto

Da rosa de tua boca
Uma pétala rubra
Foge
Em busca da planície alva
Do teu ventre nu...
No meu beijo
De carne insaciável
Despetalá-se em êxtase
Tua flor.
- Amantes amam como se morressem!!!
Colho o sumo dos teus desejos
Para nos beijos
do despertar da manhã
Fazer brotar nos dois



Antítese

Eustáquio Mário Ribeiro Braga

Não conheço a cor das águas
Divergência do sol o mar azul ou verde
Flerte de raios rubros
Que amarelam o ar inerte

Aqui na terra escura o fóssil
Mofo gris que se torna verde
Vende imagem alheia à lua
Obscura silhueta que foge em sombra

Não terás tu a coragem rubra
Dissimulada orvalha sem muito apetite
Quando finge sentir odores alheios
Cio forjado no calor sem chama

Luz que acende e cala a fala humana
Tudo se derrete no esfriar da cama...



Neste exato momento

Evanise Gonçalves Bossle

Em algum lugar do mundo,
alguém está escrevendo versos de amor.
Em algum lugar do mundo,
neste exato momento
alguém está lendo um livro revolucionário.
Alguém decidiu morrer,
outro não decidiu,
mas a morte lhe atropelou.
Neste exato momento,
em algum lugar do mundo,
alguém trabalha para por pão à mesa,
outro dorme o sono dos justos...
E eu escrevo em uma página mágica
palavras que voarão pelo espaço
e alguém vai lê-las
em algum lugar do mundo
neste exato momento.



Memória banida e rasurada

Fabiana Fraga da Rosa

Memórias rasuradas
Rosto sem expressão
Mãos famintas
A gritar versos na multidão!
Versos esculpidos
Em cada linha da mão
A caneta é apenas ferramenta
Instrumento que esculpe
Inquietudes adversas
Lamentos e saudades
Avesso e abismo.
A caneta esculpiu
As estações da vida
A sina de caminhar em vão
De quem escreve os versos
Espalmados da inspiração
A dura banida crônica
Daquele que sussurra pra lua
Sem ver quem está por perto.
Memórias rasuradas
Gritos na multidão
De quem tem sede de verso
Fome de poesia sem fim
Esculpe uma a uma
Pelas mãos que clamam
Ventos e tempestades...
Contornam primaveras
E deixam saudades.
Pego a caneta do tempo
E começo a escrever o outono
Sem pressa e sem rasura...
Hoje eu invento
A poesia sem métrica
Sem rima correta
Para aclamar os pedidos
Da minha memória
Banida e rasurada.



Lucidez

Flávio Donizetti Jeronymo

Lucidez, veneno sorvido
na embriaguez causada
pela nudez depravada da realidade

Insensatez que corrompe a cada gole de verdade os sonhos
a veste escura protetora da loucura
soro que cura a visão impura, lúcida e transparente
que descarada mente que o sonho vai morrer, se perder.

Mordo a carne crua dos meus pesadelos
o sangue escorrendo no canto da boca
um sorriso sádico, mais uma mordida
mais um pedaço envenenado de verdade
cuspo meus sonhos nas chamas
que iluminam esta escuridão...

Veneno doce veneno....



Mundo colorido

Fabiano Basso

Na paleta do grande pintor
As cores se envolvem sem rancor
Porém, o terrível pincel da manipulação
Na mão de tiranos traz desilusão

Que ignorância monocromática
Intolerante e abusada
Meu amigo, o que tem acontecido?
O que vejo é um mundo colorido

Guerras e muita opressão
Vão singularizando a coloração
O capataz dá a tonalidade de rubro
Desesperados calam-se num sussurro

Será que teu beijo tem alguma cor?
Que tinta se pinta o verdadeiro amor?



Ode Enferrujada

Fabio Saitta

Sem tato
Apenas farto
Humanidade e tentáculos
Cão dos fracos
Sem visão
Sonho descolorado
Angústia em peito brado
Felicidade em vão
Escorre de minhas mãos
A lembrança o retrato
Torpe em escasso
Destarte afundarão.



Viagem

Fernanda Pietra

O caminho apresenta desvios
Ao viajante exausto da caminhada
Por vezes insana,
Ele se pergunta:
_ "Até quando ?"

O caminho não é fácil
Falta água para suprir o suor,
Escorrido pela face.
Já não há mais força
O cansaço venceu.

O viajante sucumbiu,
A juventude passou,
A chamada maturidade chegou
Ele se pergunta:
_ " Para quê tudo isso ?"
Seus pés já não o seguram mais
Não há poesia, nem sonho
Não há esperança.

Sobraram marcas,
Cicatrizes feitas por emoções
Feitas nas cachoeiras das relações
Por vezes humanas,
Outrora desumanas
Nos jardins que avistara,
Folhas caídas de outono
Marcaram as estações que vivera
E há a luta constante para não morrer
Feito folhas no outono
Deixando aos olhos, imagens de aparente morte.
Sou o viajante á procura do abrigo
Do descanso, do alento
Que consiga fazer com que volte acreditar
Ter um caminho mais florido
Sendo eu, apenas, uma professora.



Os pássaros voam além do arco-íris

Gabriella Slovick

Se Cortam as asas do Pássaro,
Como esperar que ele voe?

A Alma, contudo, é capaz de voar!
Voa e vagueia pelo cosmos
Onde procura um refúgio.
Cavalga nos cometas,
busca tocar as estrelas,
sem resquícios do mundo e sem dor;
sem inquietudes e sem medo do escuro...
Sem a barreira do tempo
Sem a data
Sem a hora.

Ir em frente na tentativa de encontrar-se
E encontrar acalanto,
Um canto
Um abrigo
Um manto
Um amigo...

Voa Alma para vislumbrar
O que te falta
O que te afoba
O que te amola
Voa Alma para o que te resta
Além de ti
Além o tempo
Além do infinito, além do Arco-Íris...



Lembrança das carreteadas

Gilberto Luiz Pissete Assumpção

Quando ouço carrereiro, logo de comida eu penso
Mas no fundo reconheço aquele velho tropeiro
Que de certo não me esqueço das histórias da querência
Que hoje me orgulho dos carreteiros de essência.
Pela estrada os tropeiros, com a guaiaca faminta
Por ali andaram e traçaram a tal de RS 30
Os caminhos foram abertos, desafiando a supremacia
Dos que se achavam espertos se formou a rodovia.
Ao passo lerdo dos bois, as trilhas iam surgindo
Deixando marcas cravadas nos caminhos dos moinhos
Com, cargas de mantimentos que mão calejadas colhiam
Enfrentaram serra e mar e a tranquilo seguiam.
Ao por do sol da Lagoa a pausa pro descancito
Daquela viagem mui boa continuarem seguindo
Por de baixo das “carreta” era ali que se atiravam
Pois dormir era difícil com as almas que assombravam.
Muita lenda campesina, nascia na escuridão
Só da luz do candieiro se enxergava o clarão
Mas nenhum taura se atrevia a sair na escuridão
Pois de longe se ouvia barulho de assombração.
O dia vinha surgindo com brisa leve surgindo
E com isso os esbarros
De alguns bois assustados
Seria um dos mistérios da velha Lagoa dos Barros?
E por isso homenagem tropeiros e carreteiros
Que por aqui se embrenharam
A estrada desenharam e permanece até hoje
O nome ficou gravado do bravo que antecedeu
Cristóvão Pereira de Abreu.



Vastidão

Graça Brito

Você já experimentou o amor
Sabe o que é ou de onde vem
Se está em mim ou em você
Ou ainda em lugar qualquer

Você é capaz de ver-se
Refletida em meus olhos
Voar pelo imenso e dar
Com a vastidão

Você tem medo
De mirar no alvo
Dar de frente com a verdade e
Achar a solução

Isto é pura alquimia
Transformação
É o gole misterioso
Palavra ação
É o elixir da vida
Grande mutação
Que afaga sutilmente
O coração

Com a visão
Da alegria de seus sonhos
Da alegria de seus sonhos
Tudo magia, magia



Hino dolorido

Gerci Oliveira Godoy

Ouço teu choro convulso
Oh! minha bela
Teu ventre cansado de tanta sujeira
se agita
Há veneno em Tuas veias
Foi rompido Teu dossel
Tua pele queima em raios fúlgidos
Arde Teu olhar
Teu pulmão ficou pequeno pra tanto suspirar
Está pesado Teu fardo
Salve! Salve!
Teu longo palmilhar
Tenho medo, Pátria amada!
Que te zangues com tanta malcriação
E que tudo acabe
Sem que o futuro espelhe tua grandeza.



Dança da Terra

Geslaney Oliveira Brito

Algumas pedras
Indicam nossa história
Formigas, minha alma
Água de pessoas
Loas
Louco é quem não se remete
E não se permite pedras
Não se remete almas
(Algumas formigas nos prendem)
Verbo no interior da terra
A que indica o tempo
O tempo das almas calmas
Calmarirrolando por aí
É por isso! Por permitirem-se
Água, formiga, tempo e pedra
Cantarolando por ali
Ali nas águas dos caminhos
Indicativos de loa

Penso você na boa
Bola de semente de ipê
Ar de pequi e de agora
Formiga de pensar:
"Quando tudo for terminado,
Ainda será o princípio..."
Algumas histórias
A formação dos solos
Não! Do homem na sombra
Penso no ombro de encontrar
Devo muito aos quilombos
Quilombola que me conta
Aquilo que ainda me falta
Reoriento minha estrada

Penso você no conto
No colar de contar estrelas
Enquanto canta-nos a noite
Iara não é mãe das águas
É mãe de toda a terra
Da terra de todos
Todos os que se concebem
Formigas conceituadas
Que fazem os caminhos
Com braços coletivos
Admito montanhas serenas
E a geografia humana
Triangulando com poesia
Dançando com cultura
Onde todos se interrogam
Passarinholando por aí

Admito a geometria do grão
A resultar-se um conjunto
A mestiçagem volvendo
Os horizontes do chão
Considerando a textura
E arquitetura da vida

Os elementos misturam
A superfície, ao profundo
Aproximando a matéria
Ao fundamento do espírito

Penso você e a terra
E o que me espera no sonho
E no que devo contar
Enquanto espero o princípio

Algumas areias...



Populus Vult Decipi*

José Nedel

Eva foi enganada pelo diabo.
Ela enganou, de quem foi feita, Adão.
Dessa maneira é que, ao fim e ao cabo,
Se intrometeu no mundo a enganação.

Bem ou mal, essa prístina atitude
Demonstra o que seria o humano fado:
Mover-se no caminho da virtude
Na tensão enganar ser enganado.

A outra parte da história, a sei de cor.
Conhecê-la me fez a vida inteira,
Rica em tramas de decepção e dor,
Queira alguém admiti-lo, ou não queira.

Do modo como sempre foi, será:
Procura o povo, a todo pano e a esmo,
Ser enganado. Entretanto, se não há
Ninguém que o engane, engana-se a si mesmo.

*O povo quer ser enganado (provérbio latino).



Chaleira preta

Jeisson Teixeira

Ali pendurada num canto, do galpão, empoeirada
Não escondendo as ferrugens, mostra sua caminhada.
Foram muitas as andanças, tropeadas a campo a fora
Hoje ali escanteada, saudades de quem a recorda.
Nas madrugadas frias, muitas corpos aqueceu
O café quente, o charque, com mateadas entreteu.
Campereou, acampou, serviu
A velha Chaleira preta, sua sina assumiu.
Rio Grande de norte a sul, se mantém a tradição
O fogo de chão na estrada, risadas, assombração
Na brasa o churrasco assando, e no tripé apreciando
Aquela roda de causos, no clarão o chimarrão.
Acompanhado de gaudérios, por muitas partes cruzei
Vi paisagens exultantes, que jamais esquecerei.
Litoral de praias lindas, águas, dunas, salinas,
Aqui é Rio Grande, O Sul que descortina.
Muitas saudades senti, por tudo que passei e vi
Nosso estado majestoso, onde me aquerencieei
Paragens e acampamentos, nos arreios e trempes
Das tropas ouvindo berros,
Em meio às tralhas, a velha chaleira preta.
Hoje fico analisando, qual vai ser o meu fim
Peço ao Patrão do céu, que nunca esqueça de mim
Que ao meu redor se amontoe, as coisas da minha história
São valores, não moedas, os rastros da minha glória.
E lá no galpão da saudade
Um canto se emoldura
Tem guardados na gaveta
Mas lá no alto, a velha chaleira preta.



Olha

José Magalhães

Estou aqui!
Mas, não vale, me amar!
Eu, eu estou tão só!
Talvez, seja você!
Sabe,
Se alguém...
Alguém me abraçar..
Vai, vai me levar!
Você!
Tão grande e linda,
Uma anja , deusa-mulher!
Estou...
...estou tão só!



Um só universo

Josnei Machry Weber

Quero te ver
Mas onde estás?
No vazio da distância que nos separa,
Ou no desejo que me aproxima de você?
A tua imagem em minha cabeça
Não passa da representação da sua ausência.
Transformo-te em meu destino
Mas perco-me em meio a tantos caminhos.
Por que não me saís da memória?
Se sei que não posso ter-te junto a mim
Onde estás?
Heroína que vicia e prende...
Perco-me em pensamentos
Tortuosas lembranças que esvaecem
Levando-me até você...
Onde a sobriedade faz-se pelo vício
Um universo só;
Só de lembranças, Distância e desejo...
Só...



Perda

José Carlos Carvalho

Silêncio, tempo eterno
Espera tanta por alguém
Que não virá
Porque o erro meu
Já não se apaga
Amor doído, corrompido,
Cansado...por muito tempo
De muito amor, e muita dor
Dor que agora é minha cruz
Silêncio...
Silêncio...no meu pesar
Penar a perda
de quem queria e me queria
(meu bem querer)
E já se foi
E foi, e foi...pra não voltar!
E no silêncio, tempo eterno
Tempo que espero
Até o fim
E o fim virá!...



Não importa

Jorge Hallal

Não importa a situação,
basta um sorriso amigo e sincero.
Ou
quem sabe mais um dia
ou uma noite,
e um olhar comprometedor.

Não importa se meus olhos
me traíam.

Eles apenas
correspondem aos teus!



Necessidade

Ju Armos

Nada preciso te dizer
se és meu primeiro pensamento
do amanhecer de plúmbeos
ou azulados dias.

Nada preciso te dizer
se vários são os momentos
de palavras em suspenso
e sílabas impronunciadas.

Suave teu nome calo.

Nada preciso te dizer
se todos os sons são partilhados
E, com espanto, imagens clicadas
congelam cada tempo
remetido ora ao passado,
ora ao futuro.

Nada preciso te dizer
de todo pôr-de-sol,
de cada estrada palmilhada
de cada lágrima,

riso,

emoções

(flores rasgando o asfalto...
pássaros sobre o muro...)

Nada preciso!!!



Anule Seus Contratos!

Dunia el Hayed

Tese.
(Antítese)
Duas faces,
Mesma moeda?
Troque a referência:
Esteja
Tridimensional.



Bom dia

Karenina Marzulo

O meu bom dia que sai de um engasgo
meio com vergonha, meio sem vergonha
por dar bom dia sem querer dar
O meu bom dia veio por acaso
saiu de minha boca com os meus olhos baixos
dando o dia sem querer dar
O meu bom dia que não obtém resposta
não me dá o bom por não me escutar nenhum dia
Meu bom dia em tom baixo
que não escuto e não retribuo
O meu bom dia que foi embora de mim
e não retornou aos meus ouvidos
Deve ser porque saiu de um engasgo
meio fraco,
saindo sem querer sair
Percebem que o meu bom dia
não é tão fácil,
às vezes tem preguiça
muitas vezes falta de vontade
tem dias que não é bom
Sendo egoísta
por não dar um bom dia,
tossi uma negação disfarçada de bom
Quero aprender a dar o dia para todos
mesmo que o meu muitas vezes
viva em um engasgo



Libélula

Lari Franceschetto

Leio suas asas leves
Nas narinas das favelas
No lustre dos palácios,
No vôo dos sete anos.
Sinto suas asas soltas
No blues do cego
No jeans de quarenta e quatro maios,
No olhar dos góticos.
Seu corpo é estranho-exótico
Porque estranho é o mundo,
Belo ao nascer desejos
Nas ruas de luas cheias,
No amor da mão no berço.
Se a morte não tem graça
(Profundo pesadelo
Que as asas corta)
Vôo maior, aceso, é a vida
Fogo invisível
Que a Noite não apaga.



Miragem

Ligia Lacerda

Percebo agora
Quanto me enganei!
Fui um errante,
Vagando no deserto
E o teu amor,
Uma miragem



O berço do marechal

Felipe Silva da Silva

O Rio Grande foi marcado por lutas e devoção
Na Guerra dos Farrapos até criaram uma nação
Acertos firmaram a paz e os campos se sossegaram
Os quero quero voltaram, com seus gritos assustados
Levantando acordes, dos heróis lá do passado.

General Luiz Osório não sendo republicano
Trabalhou pelo império, sem machucar miliciano

Assumiu alto comando,
fortaleceu a estirpe
Cavalgou de pago em pago
Com a bandeira sem igual
Se firmou mui altaneiro
Na guerra do Paraguai.

No litoral do Rio Grande
O berço do legendário

Muitos títulos e medalhas o seu peito recebeu
Mas nunca se esqueceu a terra onde nasceu
A Conceição do Arroio o seu nome escolheu
E sua espada de ouro o mundo reconheceu.

Toca o clarim da história e os feitos logo aparecem

Desde o mate ao pealo
Ao tranco lerdo do flete
O gurizote e a prenda
se ajoujam fazendo planos
E lá do baú da memória
saem as nossas histórias
É o gauchismo falando
na alma dos pampeanos.

Cada povo amadrinha seu andejar soberano

Ficam rastros ficam marcas
Que o tempo nunca desmarca.

Foram Bentos, Garibaldi
Conduzindo o ideal

Que serviram de baliza
Osório Grande Marechal.



Amor sem limites

Mara Luz dos Santos

Caminho para a tua direção
Sem pensar na ocasião
Apenas crendo no destino
Única solução
Sempre, sempre te levo no coração

Ah! Como é lindo o teu olhar
E gostoso o teu abraço
Nele me fazes descansar
Me sinto enfeitiçada
A cada minuto que passa

Grandiosos momentos se inventam
E o amor só aumenta
Amor sem limites,
Preconceitos e razão
Que vai além de uma paixão

Um amor assim
Não depende só de mim
São efeitos do encanto
Que o teu amor, no entanto,
Uniu-se a mim.



Herança

Mário Feijó

A herança que eu te deixo
Não tem valor material
Eu te deixo meus ensinamentos
Eu te dou todo o meu amor...
A herança que eu te deixo
Plantei em teu coração
Plantei na tua mente
Uma boa educação...
A herança que eu te deixo
Repasse a todos os teus
Ela tem valores morais
Costumes sociais e de comportamento
Espero que você possa aproveitá-la
E que se torne tão rico
Quanto eu me sinto:
Hoje um homem completo...



Saudade da nossa salina

Marcos Paulo Passeto

Quem hoje por aqui passa,
nem sabe o que aconteceu
Foi um tempo mui bonito,
só prá saber quem viveu
O que importa é a honra, de força e tradição
Desbravaram o lagoão
E o que mais impressionava
É a coragem daquele povo
Que diante do novo jamais se entregaram
Eram tantas as tormentas e as trilhas barrentas,
o progressos mostravam
E ao tinir dos tempos
O lugar deixou de ser areias e céus
Para progresso fiel.
O que eu não imaginava,
quando na estrada passava
Pelo lado da lagoa tão cristalina
Lá naqueles escombros, brilhantes assombros
Era a salina, tão bela salina.
Foi um espanhol que a fez
Há hora, tempo e há vez
Pois não tinham opção...
Enchiam tonéis com água do mar
Transportavam em carroções, puxados por bois
Prá fabricar o sal, usado
E vendido depois.
Mas junto com tudo isso ficou a saudade
Daquela salina, ansiedade.
Não é do meu tempo,
mas sinto saudade
Pois faz parte da história da minha cidade
E se a visito hoje é de espontaneidade.
Salina te gosto,
te gosto de verdade
Pois fez crescer e valer a minha cidade
Que meu peito invade
.Que felicidade!



Recorrida

Marivane Klippel

Em versos que inspiram
Falando das coisas do pago
São saudades que ficam,
Alegrias, amores, afagos...
O orgulho deste pampa
Povo, lutas, experiências
Reminiscências estampa
No altar desta querência!

Recorro os versos com calma
Comparando ao cotidiano
Inspiração da alma
Adquirida ao passar dos anos...
Recorrendo à tradição
Aos tempos atuais
Preservo com o coração
Costumes que ficam para trás!

O luzeiro do sol poente
Deixa o gaudério a pensar
A saudade de quem está ausente
É armada a apertar.
O sorver de cada mate
Que passa de mão em mão
É saudade que combate
Numa prosa de fogo de chão.

Por isso rebusco versos
Que brotam do pensamento
Ao Patrão Velho peço
Pra continuar com esse sentimento.
Ouço o toque da cordeona
Nessas noites de luar
Espantando a saudade redomona
Que teima em me acompanhar!



Escuro e Claridade

Maria da Glória Gomes

Na tarde sombria nasce a escuridão e,
entre elas, pessoas tristes e sem destino.
São pessoas que vagam pela noite, tentando
encontrar a si mesmas.
A noite é sua companheira e nela se descobre
toda beleza do sono e do sossego.
Mas assim que amanhece o orvalho lava seus olhos
para que vejam o sol e quem sabe encontrar
a claridade e afugentar a escuridão.



O guri

Maria Cardoso Faistauer

Piso na areia, olho na imensidão
E vem à memória, recordação
Do povo andarengo que abriu os caminhos
Cortando águas e redemoinhos
Marcaram as estâncias
E a posse da terra sulinas.
Por estas andanças chegava um Guri
se aquerenciando por Tramandaí
Ajustou tarefas, ergueu tarimbas
E como posteiro rebanhou confiança
Lá pelas tantas
pela Guria da casa se encantou
Desta união, o piá chegou. Luiz o seu nome.
E por aí se formou:
Correu pelos juncos, pisou os capins
Riscou as areias com outros guris
Nos bancos escolares
Aprendeu as cartilhas
Sempre bombeando as coisas da vila
Cresceu sob o céu do sul do Brasil
Da Conceição do Arroio seu tino saiu.
Com persistência e timbre afinado
Na cavalaria foi destacado
Militar responsável o tal litorâneo
Galopou altaneiro nosso conterrâneo
Empunhando armas, defendendo a Pátria
Cortando distâncias vencendo na área
O verde e amarelo da nossa Bandeira
Acenou com fervor em meio as trincheiras.
Bem alto bradou o civismo tingido
Das raças mescladas e engalanadas
Foi destemido sem ser inimigo
Da sua terra a coragem herdou
O tempo se foi e a vida levou
Desarmado descansa no chão que nasceu
Fez fronteiras lá no infinito
Hoje sem cavalo, sem lança, sem arma
Despojado sem nem a garrucha
É a marca da alma gaúcha
Do Marechal Manoel Luiz Osório
Um riograndense sem luxo.



Anel

Márnei Consul

Faz diferença?
Sim, um anel faz muita diferença.
Prende,
amarra,
segura,
contenta

e ilude...



Setembro

Micheli Zamarchi

Ahh e o setembro chegou!
Com cores, amores, flores.
O setembro encantou com cheiros diversos.
A vida ficou mais colorida.
As articulações ficaram mais soltas.
Os sorrisos brotaram nas esquinas, deixando da beleza do dia e da noite
mais intensa.
A brisa fria da manhã tem um quê de quente para a tarde.
Os ânimos se animaram e a alma se acalentou em braços universais.
Ahh e a certeza que fica é que o setembro se vai, mas certamente deixará
a lembrança agradável de um mês promissor e encantador!
Um mês como os outros onze meses que, quando chegam, trazem
sensações e impressões que ficam para preencher a alma da gente de
história!



Sonho

Moisés Silveira

Flutuo em meus pensamentos
Olhando para um horizonte nulo
Onde vejo mais além do que meus olhos conseguem
Viajo por sons
Idealizo novas imagens
E simplesmente acordo



Deusas

Neuza Pinto Nissen

Mulheres tornam-se deusas
Quando sedentas de amor
Clamam por Afrodite
Pedindo que derrame sobre elas
Chuva de magia e sensualidade
E que seus banhos de cheiro
Tenham o perfume afrodisíaco
Do mar
E seus belos, rendados corpetes e lingerie
Tenham o fetiche da lua
E o cintilar das estrelas
De seus lábios exalem
O néctar do mel
E transpirem a essência da paixão
E quando os corpos se entrelaçarem
No ápice deste momento
Possam em harmonia, como Eros e Afrodite
Concretizá-lo com a dança do amor
Então elas serão lindas musas!



Até o fim

Neuquen Vanderlan

Como é doce a brisa
Refresca nossa alma
Assim sempre fica
O gosto de calma

Olhos que passeiam
No horizonte fundo
Pássaros gorjeiam
Alegrando o mundo

Vejo muitas flores
Voando com danças
Milhares de cores
Míticas heranças

Assombra a loucura
Não tem resistência
A mente é madura
Pela experiência

Como correnteza
Busca sua origem
Transparente suave
Passando em viagem

Chega-se ao destino
Traçado bem antes
Final do caminho
Nós ainda andantes



Eu sinto falta do seu amor

Paula Câmara Ferreira

Eu vi um retrato seu
E percebi que ainda gosto de você...
E o retrato está em algum lugar nas minhas coisas...
Ainda sinto o seu cheiro...
É estranho saber que você existe
Mas que eu não posso te tocar...
Você foi tirado de mim tão cedo...
Eu vi meu verão virar inverno
Quando você se foi...
Lembro de cada beijo
Tentei encontrar alguém que substituisse você
Mas o amor que eu sinto é maior
Do que eu imaginava
Lembro das coisas que você dizia
Quem diria que hoje nada mais
Existiria...
Noites de lembranças...
Seu retrato está no meu quarto
Mais eu preciso de bem mais que uma foto sua
Sorrindo, pra eu sorrir também...
Eu sei que um dia eu vou te encontrar..
Mas temo que esse dia seja tarde demais...
Eu sei que o amor que senti por você
Foi verdade...
E se hoje choro, é por saudade...
Não sei se você está bem..
Não queria você assim tão longe de mim...
Eu vi hoje dia você em uma rua
Mas eu sabia que não era verdade
Eu sonhei com você
E nesse sonho você me abraçava
Eu queria que esse ano inteiro
Fosse um pesadelo
E que você ainda tivesse aqui
Comigo pra dizer de novo TE AMO



Eu amo você

Paulo Leandro Valoto

Vou te contar as realidades da tua vida
Você se impõe por um regime e não se importa
Teu objetivo pode ser uma coisa perdida
Mas você precisa mesmo abrir a sua porta.



Porta-Retrato

Pollyanna Gracy Wronski

Revirando gavetas
Rasgando o passado
Juntando o frio do anoitecer
Bilhetes e cartas rasgadas
Fizeram os olhos esmorecer
Fizeram o tempo parar
Batendo forte no coração
Fez a pele tremer e suar
Sentir o bom do perfume
E um abraço a enrolar.

O tempo é traiçoeiro
Corre, voa e afasta
Ressurge frio e forasteiro
Desola, persegue e arrasta
Em companhia da solidão
Fica tão difícil entender
Como toda aquela união
Por dias foi-se esquecer
Tudo aquilo de repente
No tempo foi se perder.

Marcas no coração
E na mente ficaram guardadas
Afogadas em indecisão
Que o tempo também apaga
Pequena foto envelhecida
Meu olhar foi encontrar
O semblante de uma criança
Chamando-me querida
Por mim não esquecida
Afastou-se de meu olhar.

Ouvi o eco daquela voz
Sempre disposta a alegrar
Senti um sorriso nos lábios
Chama ascender no olhar
O coração batendo forte
De alegria a disparar
Era tudo mesmo verdade
Era bem mais que cumplicidade
Era sim tudo verdade
Tudo aquilo que tentava afogar

Guardo a foto com carinho
Ao lado, no travesseiro
Lá onde escondo e mostro
Meu lado frágil e sorrateiro
Em sonhos vejo a imagem
De garoto com jeito carente
Em minha vida tão fulgaz
Enfeitiçou-me de repente
De maneira tão perspicaz
Agora não mais indiferente.

Aquele tênis furado
Aquele olhar displicente
Ainda fazem sonhar
Viver, voar vorazmente
Faz tudo faz recordar
Trazer a tona o desejo
O qual não queria notar
Perceber que teu lugar é de fato
É na foto e ao meu lado
Bem no junto no porta-retrato



As praias do meu litoral norte

Régis Jr

As praias do meu litoral norte
Tão bonitas e incomparáveis vem a ser
Sua brisa a beira mar e seu céu muito azul
Com certeza é sorte
Pois vim para cá e nunca mais saí.
Felizmente não me deixou daqui sair
Seus mares quão belos e eu fico a ver
Suas ondas a nos banhar muito forte
Com, certeza uma grande beleza me trazendo mais
sorte.
Eu tenho certeza que quem vem ao litoral
Não quer mais partir
Qualidade de vida ficam a usufruir
Uma vontade enorme de nunca mais sair
Porque afinal, alegria prá sentir.
Precisamos manter
Esta paz, e harmonia
Prá continuar a viver com sabedoria
A beira mar, do meu litoral norte
É viver longe da morte.



Olhos abertos

Rivail Teixeira

Manhãs são instrumentos
coro de vozes internas
é decisão de continuar ou não
ou permissão de estar apenas.



O Poeteiro

Rodrigo Cancelli

Tenho aqui como tal obrigação,
Avaliar que meus olhos brilham,
Com lágrimas de confusão,
Despertas por sorrisos....

Venho aqui também confessar-me,
Que por longo tempo,
Os amores vagaram por ai,
Flutuando na rigidez destes ventos....

Que hoje pedra a turmalina,
Desacanhado este,
Inventor e poeteiro,
Viaja....



Gaiivotas, não saiam daqui

Rodrigo Martins Correa da Silva

Quando vejo as gaiivotas no seu revoar
Sobre o mar a girar, e num repente mergulhar,
Um pequeno peixe vai almoçar
A brisa gelada a soprar
A água azul começa a acinzentar.
Como já fosse previsto, começa a chover
Somem as gaiivotas, tudo fica vazio
Apenas o vento, a chuva, o frio
Passa algum tempo
E aos pouquitos o sol se apresenta
Sol suficiente para as gaiivotas voltarem
O clima esquenta, a praia se agita
O verão chegando, com apenas um sinal
De que no Balneário Pinhal o ecossistema é normal
Após a chuvarada a vida segue normal.
Mas como seguir com este poema adiante
Se o sol já está quente e radiante?
As gaiivotas a pressentir, quanta gente esta por vir
E aos poucos, as gaiivotas vão sumir
Mas na sua falta,
As andorinhas vão suprir.



Fé, ainda que tardia

Sandra Tavares

Salve rainha,
que põe as pernas fora da igreja e sobe ladeira,
levando a fé do povo pra mais perto de Deus.
Salve rainha,
que pisa tapete de serragem
e abençoa a janela vestida de renda branca, salve.
Salve rainha,
por ti caio de joelhos, acendo vela, rezo terço e peço: rogai por nós.
Santa Bárbara, rogai por nós.
Santa Efigênia de Minas, rogai por nós.
Santa Helena de Minas, rogai por nós.
Santa Juliana, rogai por nós.
Santa Luzia, rogai por nós.
Santa Margarida, rogai por nós.
Santa Maria, rogai por nós.
Santa Rita, rogai por nós.
Santa Rosa da Serra, rogai por nós.
Santa Vitória, rogai por nós.
Santa mãe padroeira das cidades de Minas,
tende piedade de nós.



Ventos do litoral

Saul Almeida

Vento do norte, vento do sul
Vem sobre este lugar
Varrendo a paisagem
Sem hora para voltar.
Numa terra de heróis,
Assim conheci
Um destino se constrói enquanto está aqui.
Vem o minuano, o nordestão,
São sopros de vida
Que não afasta afinal
Me faz sentir vida feliz sem rival.
O mar é beleza
Se agiganta e se acalma
Depende do vento e do amor da alma
Dunas e lagoas
Riscam o chão
Afastam a tristeza do coração
Vento forte, brisa leva
Mesmo um furacão
Bate no rosto e traz emoção.



Espinhos

Sandra Veroneze

Amor e ódio
Tapas e beijos
Os humanos são assim
Porcos-espinhos



Concomitantemente

Swani Cristini Castilho

A rosa não se iguala ao tempo
O tempo é igual à morte.
Substituo minha fisionomia
Pela carniça.
Gozo em teus sarros
Escarro arranjos entre os escombros
De nossa lealdade.
Nosso teto é uma telha enferrujada
E minha vertigem não tem causa.
Rezo para anjos imaginários
que tatuou em minhas paredes insípidas.
Morro diariamente tua vida infinita.



Quando a dor é demais

Solange Rodriguez

Você sabe que eu estou sofrendo amor,
e para você tanto faz, eu sei!
O que você não sabe é que
o mundo está mudando, e eu também!

Os dias estão voando rápido demais,
e as noites estão correndo atrás!
Já se passou muito tempo,
talvez você de mim nem se lembre mais!

Você se foi e não voltou!
Desde então me mantenho equilibrada,
para não perder a noção do tempo.
Ainda estou aqui, mais não do mesmo jeito!

Atormentada pela minha dor,
estou sofrendo as mudanças do tempo,
enquanto não te esquecer não terei paz!

Os meus sentimentos estão se solidificando,
amanhã poderá ser tarde demais,
o meu coração está se transformando em uma rocha a mais!



Meu Estado Grande do Sul

Suzana Bolina de Abreu

No meu Rio Grande, em cada esquina, vejo uma história a brotar
Em cada canto, há lembranças a recordar
Em todos as praias há um gaúcho para nos contar...
Nas cavalgadas aqui no sul, os tropeiros a resgatar,
Peões e Prendas pedem passagem
E os aplausos traduzem a mensagem
Dos gaudérios que anunciam com vontade
Com as mãos erguidas são aplausos de saudade.
A La pucha! Este Estado Rio Grande tem mistérios
Sou fruto dele bem como a Salamanca
Que guardo no semblante
A coragem e a confiança
No mar da minha querência.
Meu pago, meu rincão
Falo aqui do moeirão
Que demarca a essência desta nação
Nesta vida tudo tenho
E tudo está aqui no meu rincão.
Vim de longe: Balneário Pinhal
Cidreira, Salinas, Tramandaí
Foram algumas léguas
Mas nunca pensei em desistir.
Erguendo a Bandeira do Meu Estado Grande do Sul
Me senti uma prenda mui honrada
E quando avistei os serros, lá estavam os cataventos
Cheguei aqui, a cidade dos bons ventos
Que embalou no passado, sonhos para um militar
Osório a terra do Marechal.
Sol, Terra, mar, chuva
Areias, campos, dunas
Tudo presenciei até chegar aqui
Sou gaúcha de muita fé
Nada de desistir.
O Rio Grande do Sul
Ensinou-me a insistir e persistir
Nas suas trilhas, a história vou seguir
Como diz nosso Hino, povo tem que ter virtude
E para isso, muita garra, além da saúde
Agora peço licença e me despeço
Vou com muito orgulho prosseguir.



Eu posso

Thiago Lorencini do Nascimento

Se eu pudesse
Iria até a Babilônia
Colher-lhe a flor mais bela
Mas de nada adiantaria
Pois tu és de todas a mais bela

Se eu pudesse
Iria ao Universo
Trazer-lhe todas as estrelas
Que como meu amor
Nunca se apagam

Se eu pudesse
Não me entregaria tão fácil
A um sentimento tão repentino
Que me pegou, me enfeitiçou

Se eu pudesse resistir
Resistiria ao seu encanto, sua presença
Seu charme, seu sorriso, seu olhar
Seu cheiro, seu abraço, seu beijo

Como eu poderia resistir
A alguém tão única
Tão especial como você

Mas não preciso de flores ou estrelas
Eu posso dizer: Te Quero, Te Amo!



Tinha um coração

Titi Martins

Cá estamos nós,
Pobres inocentes.
Tentando apagar da mente
Retratos de nossos avós.
Mas a lucidez nos surpreende
E a lembrança vem e acende
Um facho de dor e nó.
Não é a esperança que está acesa
Nem por faltar na nossa mesa
A toalha, o talher, o leite em pó...
Mas temos no coração e na alma,
Muito amor e muita calma,
E um pouco de lucidez.
Sentimos o frio na madrugada,
Até dormirmos na calçada,
Pois amanhã será nossa vez.
Quem sabe um doutor afanado,
Ou aquele outro advogado,
Me alcance um pedaço de pão.
Eles sabem que a dor é grande,
Que a pobreza no mundo se expande
E também temos um coração.



O que temos no coração

- Carinho;
- Amor;
- Emoção;
- Amizade;
- Felicidade;
- Paz;
- União das pessoas se não nós não fazemos nada;
- Saudade;
- Vida;
- Paixão;
- Angústia;
- Tristeza;
- Ira;
- Inveja;
- Verdade;
- Ignorância;
- Sofrimento;
- Queremos ser bem tratados;
- Queremos ser respeitados;
- Queremos ser melhorar;
- Ansiedade;
- Reflexão sobre os atos;
- Não queremos ser mal tratados;
- Vontade de rir;
- Vontade de chorar;
- Alegria, alegria...

Alunos da escola de ensino fundamental Pica-Pau APAE (Santo Antônio da Patrulha), da turma de EJA e Educação Profissional: Sabrine Pereira Brito, Veridiana Neuhaus, Priscila Barbosa, Tiago Torquato, Rodolfo Cardoso Silveira, Guilherme Godoy Massulo, Édson Braga Cardoso, Josiel silva dos santos, Juliano da silva, Rodrigo Fraga Dias, Mauri Barbosa dos Santos, João Ricardo Abreu dos Santos, Valdir dos Santos Rodrigues, Priscila Caetano Acosta, Jaison Santos da Silva. Professora Carla Luana Santos.



Rosa, podre e prosa

Tita Coelho

E fez – se a rosa em ritmo
Nota, verso e prosa
Emoldurada na mucosa
Inunda pensamentos íntimos
Rói a corda,
Perde a visão de tuas costas.
Entre anseios e desprezos
Sobra o olhar avermelhado
A mão tremula que tenta te alcançar
Que pena...
Ela é boa em enganar,
Te agrada e depois corrompe moralmente...
Gangrena o pensamento
A liberdade que te faz voar.
Quando tocas as notas dela
Dá início ao aleijamento total
Ês esmagado pelo aroma podre da flor
E é nesse momento...
Que tu te entonteces e reza versos de amor.



**ESPAÇO RESERVADO
PARA SUA POESIA**

Tema livre!
Você se inspira, concentra, transpira
e escreve! Depois envia para o email
sandra.veroneze@pragmatha.com.br

;)